

Assédio nos estádios não é brincadeira

O medo e a necessidade levam mulheres a lutarem contra as importunações no esporte



Em comemoração do dia da mulher, no Rio, mulheres lutam contra o assédio nos estádios. Foto: Divulgação

“Estádio é lugar de homem”, “Você não entende nada de futebol”, “Me diz então o que é impedimento”. Essas e outras muitas frases são ouvidas comumente por mulheres que acompanham o futebol. A todo momento, elas são colocadas “contra a parede” para demonstrarem o quanto sabem sobre e, muitas vezes, sofrem com a insistência de aproximação impertinente por parte dos homens, seja enquanto estão trabalhando na cobertura de uma partida ou quando estão torcendo nas arquibancadas.

Em comparação com a torcida masculina, a torcida feminina, que marca presença nos estádios, é consideravelmente inferior e pequena. O ambiente ainda machista acaba por afastá-las de onde desejam estar, além de forçarem-nas a lutar contra uma cultura de superioridade, enraizada nos templos do futebol. Comportamentos praticados pelos homens, como um assobio, olhares inapropriados e/ou gritos de “gostosa” são capazes de instaurar a sensação de não pertencimento ao seu lugar de direito.

Em 2018, movimentos contra o assédio, como o “Vascaínas contra o Assédio” e o “#DeixaElaTrabalhar”, por sua vez, ganharam força e visibilidade à luta feminina. As iniciativas surgiram a partir da necessidade de expor e acabar com as atitudes

inconvenientes e, de certa forma, agressivas às mulheres na torcida e em seu ambiente de trabalho.

A jornalista Luciana Zogaib, de 41 anos, atualmente narradora da “Rádio Ferj” e editora no “Damas do Esporte”, conta que sofre com atitudes machistas e com a resistência dos homens quanto ao seu trabalho de narração. “Quando trabalho de repórter de campo, alguns torcedores fazem graça, ficam mandando beijos e essas coisas. Na internet, o que ocorre comigo são palavras agressivas devido à resistência sobre o trabalho de narração que venho aprendendo a fazer. Além daqueles que dizem não gostar, muitos agredem com machismo”, lamenta.

Diferentemente de Luciana, Rafaela, atualmente residente da cidade de Belo Horizonte (MG) e fanática pelo Cruzeiro, sofre com o assédio nas arquibancadas. “No Mineirão, como nos outros estádios, a bebida só é vendida até o intervalo. Em diversas vezes, quando tentei pegar bebida, vários homens encostaram demais em mim, ficaram relando. Quando fico no vidro, eles fazem questão de passar colado mesmo tendo espaço. Eles [homens] aproveitam qualquer oportunidade, principalmente quando o estádio está cheio, para passar encostando na gente. E se pede para não encostar, eles xingam, falam que estamos reclamando por besteira”, relata.

A fim de averiguar, no entanto, o quanto o medo de assédio nos estádios é pertinente, foi realizada uma pesquisa (própria) com torcedoras de todo o Brasil que, além de nutrir paixão pelo futebol, frequentam os estádios. 76,4% disseram que sentem medo de sofrer assédio em algum momento da partida (pré, durante e pós jogo), 5,9% afirmaram não ter medo e 17,7% não responderam à pergunta. Ao serem questionadas se já sofreram com as importunações, 36,8% informaram que sim.

Uma das entrevistadas, Camila, 22, que torce para o Flamengo e mora em Araraquara (SP), nunca sofreu algum tipo de assédio diretamente. Por outro lado, ela menciona que comparece aos estádios para assistir, na maioria das vezes, jogos de futebol feminino e o que mais vê é assédio de torcedor às jogadoras. “Quando há uma bandeirinha ou árbitra, a frequência de ofensas ligadas, quase sempre, aos corpos delas é ainda maior”, complementa.

“Eu estava andando para entrar no Maracanã, parei meio que de quatro para amarrar meu tênis e um homem veio andando como se não tivesse visto, até encostar o pênis dele em minha bunda”, conta Alicia, de 16 anos, torcedora do Vasco da Gama e moradora do Rio, sobre o dia que, segundo ela, teve mais aflição na vida.

Assim como Alicia, uma das entrevistadas, Andressa, 21, é moradora da cidade do Rio de Janeiro e torcedora assídua do Vasco da Gama. Ela conta que nunca foi a um jogo do seu time desacompanhada de uma presença masculina por ter medo de passar por situações desagradáveis. “É triste isso, né? Não poder assistir tranquila ao jogo do time que você ama, no lugar que você mais quer estar, por medo das brincadeiras e piadinhas que você vai sofrer. Mas nós não podemos deixar por assim. Esses movimentos, como o Vascaínas contra o Assédio, são importantes para dar importância e visibilidade à nossa luta contra os abusos”, ressalta.

As campanhas, que vão ganhando forças nas mídias sociais, são essenciais para que a mulher alcance a igualdade e direito de exercer sua profissão com excelência, assim

como sua torcida com liberdade. A luta contra o assédio, sobretudo, vai muito além das “quatro linhas”.

Reportagem por: Fernanda De Rosa
Ano: 2018

A matéria foi feita como parte da AV2 da disciplina “Redação para Mídia Impressa”.